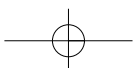
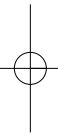
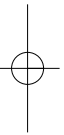
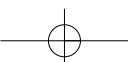
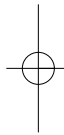
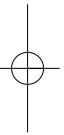


Receitas de Amor





Anthony Capella

Receitas de Amor

Romance

Traduzido do inglês por
Isabel Alves



Leya, SA

Rua Cidade de Córdoba, n.º 2
2610-038 Alfragide • Portugal

Reservados todos os direitos
de acordo com a legislação em vigor.

© 2004, Anthony Capella
© 2009, Anthony Capella, LeYa, SA

Capa: Rui Belo/Silva!designers

Revisão: Clara Joana Vitorino
1.ª edição Asa Editores, S.A., Agosto de 2005
1.ª edição BIS: Julho de 2009
Paginação: Júlio de Carvalho, Artes Gráficas
Depósito legal n.º 293 824/09
Impressão e acabamento: Litografia Rosés, Barcelona, Espanha

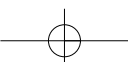
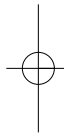
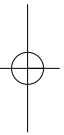
ISBN: 978-989-660-028-0

<http://bisleya.blogs.sapo.pt>

ANTIPASTO

«Uma refeição italiana é uma sequência viva de sensações em que o estaladiço alterna com o tenro e fofo, o picante com o suave, o variável com o básico, o elaborado com o simples...»

MARCELLA HAZAN,
The Essentials of Classic Italian Cooking



I

Numa ruela transversal do Viale Glorioso, em Trastevere em Roma, existe um bar conhecido por quem o frequenta simplesmente como Gennaro's. Olhando para ele, não é um grande bar, tendo mais ou menos o tamanho e a forma de uma pequena garagem para um carro, mas o turista de passagem notaria que tem espaço ao ar livre para duas pequenas mesas e um sortido de cadeiras de plástico desirmanadas que captam a luz do Sol de manhã, enquanto o amante de café notaria ao passar que tem espaço no interior, no balcão de zinco desdourado, para uma enorme e reluzente *Gaggia 6000*, a *Harley-Davidson* das máquinas de café expresso. Tem ainda espaço, à justa, atrás do balcão de zinco desdourado, para Gennaro, amplamente considerado pelos amigos como o melhor *barista* de toda a cidade de Roma e, ainda por cima, um tipo porreiro.

É por esta razão que, uma bela manhã primaveril, Tommaso Massi, de vinte e oito anos, e os amigos, Vincent e Sisto, estavam de pé no bar, a tomar *ristretti*, a discutir o amor, à espera que os *cornetti* chegassem da padaria e, no geral, a passar o tempo com Gennaro antes de saltarem para as *Vespas* para se dirigirem aos vários restaurantes na cidade onde trabalhavam. Um *ristretto* é feito com a mesma quantidade de café moído que um expresso normal mas com metade da água e, como os expressos de Gennaro não eram, eles próprios, em nada normais, mas pura adrenalina líquida, e como, em todo o caso, os três jovens possuíam todos um temperamento excitável, a con-

versa era animada. Mais do que uma vez, Gennaro teve de lhes recordar que não discutissem ao mesmo tempo – ou, como se diz no vernáculo romano, *parlare 'nu strunzo 'a vota*; só dizer uma bacorada de cada vez.

O poder invulgar do *ristretto* de Gennaro era o resultado de ele afiar as duas lâminas gémeas de moagem da *Gaggia* até obter o gume de uma navalha, de compactar o pó daí resultante no porta-filtro até adquirir a consistência do cimento, de deixar depois que se formasse uma pressão na enorme máquina e de esperar até o mostrador indicar oitenta libras por polegada quadrada antes de finalmente descarregar um jacto de água explosivo no café compactado. O que saía do bico, depois disto, quase não era um líquido, mas um fio castanho-avermelhado com o aspecto do mel a gotejar da ponta de uma faca de manteiga, com um *crema* de cor acastanhada e um travo doce e oleoso que dispensava o açúcar, exigindo apenas um trago de *acqua minerale* e uma dentada de um *cornetto* polvilhado de açúcar, se a padaria os tivesse entregue. Gennaro adorava aquela máquina como um soldado adora a sua arma e passava mais tempo a desmontá-la e a limpá-la do que a tirar café. O seu objectivo era levá-la a cem PSI, muito fora do manómetro, e conseguir um *ristretto* tão espesso que se pudesse barrar como compota. Tommaso estava secretamente convencido de que a simples tentativa de uma tal proeza era correr o risco de a *Gaggia* explodir e os levar a todos com ela, mas respeitava o empenhamento e ambição do amigo e não dizia nada. Afinal, era evidente que não se podia ser um grande *barista* sem correr riscos.

A conversa, nessa manhã, era sobre o amor mas também sobre futebol. Vincent, que tinha ficado noivo recentemente, estava a ser repreendido por Sisto a quem a ideia de um homem se limitar a uma só mulher parecia uma loucura.

– Hoje podes pensar que encontres a melhor mulher do mundo, mas amanhã... – Sisto deu um piparote com os dedos debaixo do queixo – quem sabe?

– Ouve – explicou Vincent pacientemente ou o mais pacientemente de que era capaz –, há quanto tempo és adepto da Lazio?

– Toda a minha vida, idiota.

– Mas o Roma é... – Vincent hesitou. Queria dizer «uma equipa melhor», mas não valia a pena transformar uma discussão amigável sobre mulheres num combate de morte. – Está a jogar melhor – disse ele com tacto.

– Nesta época. Até agora. E depois?

– E nem por isso começaste a apoiar o Roma.

– È *un altro paio di maniche, cazzo*¹. É uma coisa completamente diferente. Não se pode trocar de equipa.

– Exactamente. E porque não? Porque se fez uma escolha e é-se fiel a essa escolha.

Sisto ficou em silêncio por um momento durante o qual Vincent se virou triunfantemente para Gennaro e pediu outro *ristretto*. Depois Sisto disse manhosamente: – Mas ser um *Laziale* não é como ser fiel a uma mulher. É como ter dezenas de mulheres porque a equipa compõe-se de pessoas diferentes todos os anos. Como sempre, estás a dizer bacoradas.

Tommaso, que até agora não tinha entrado na discussão, murmurou:

– A verdadeira razão por que o Vincent e a Lucia ficaram noivos é que ela disse que deixava de dormir com ele se não casassem.

As reacções dos amigos a esta informação foram curiosamente diferentes. Vincent, que tinha contado isto a Tommaso na maior confidencialidade, ficou furioso, depois envergonhado e depois – quando se apercebeu de que Sisto estava claramente com inveja – satisfeito consigo mesmo.

– É verdade – disse ele, encolhendo os ombros. – A Lucia quer chegar virgem ao casamento, como a mãe. Por isso tivemos de deixar de dormir um com o outro até ficarmos noivos.

¹ Literalmente: «Isso é outro par de mangas.»

A declaração de Vincent, aparentemente ilógica, não suscitou comentários dos amigos. Num país em que ainda na geração anterior imperava um catolicismo categórico e fervoroso, todas as pessoas sabiam que as raparigas tinham tantos graus de virgindade como o azeite – que, claro, se divide em virgem extra (primeira prensagem a frio), virgem extra (segunda prensagem), virgem superfino, virgem extrafino, e por aí abaixo numa sequência de doze ou mais categorias de virgindade e quase-virgindade antes de finalmente atingir um nível de promiscuidade tão impensável que é simplesmente rotulado como «puro», sendo assim apenas indicado para exportação e para acender fogueiras.

– Mas pelo menos agora não tenho falta – acrescentou.
– Durmo com a rapariga mais bonita de Roma, que me adora, e vamos casar e ter casa própria. Há melhor que isto?

– O Tommaso também não tem falta – frisou Sisto. – E não se vai casar.

– O Tommaso dorme com turistas.

Tommaso encolheu os ombros modestamente.

– Ei, tenho alguma culpa se estrangeiras bonitas se atiram a mim?

Esta conversa amena foi interrompida pela chegada dos *cornetti*, um tabuleiro de minúsculos *croissants* açucarados que, por sua vez, pediam um último *caffè* antes do trabalho. Enquanto Gennaro se preparava, limpando os tubos da sua amada *Gaggia* com um jacto de pressão, Tommaso levou uma violenta cotovelada nas costas de Sisto que indicou a janela com um sugestivo abanar da cabeça.

Pela rua fora vinha uma rapariga. Tinha os óculos de sol seguros no alto da cabeça no meio de um boémio torvelinho de cabelo louro que, juntamente com os *jeans* pelo meio da perna, a mochila de alça única e a simples *T-shirt*, a rotulava imediatamente de estrangeira ainda antes de se reparar no guia turístico, intitulado *Quarenta Frescos Significativos do Alto Renascimento*, que ela levava aberto numa mão.

– Uma turista? – disse Sisto, esperançoso.

Tommaso abanou a cabeça.

- Estudante.
- Como é que sabes, *maestro*?
- Tem a mochila cheia de livros.
- Psst! *Biondina!* *Bona!* – chamou Sisto. – Ei! Lou-raça! Boazona!

Tommaso deu-lhe um safanão.

- Não é assim que se faz, idiota. Mostra-te simpático.

Sisto achava intrigante uma rapariga com a sorte de ser loura e atraente não ficar impressionada por lhe chama-rem a atenção para o facto, mas deixou-se conduzir pelo amigo mais experiente e calou a boca.

- Ela vem para aqui – notou Vincent.

A rapariga atravessou a rua e deteve-se junto do bar, aparentemente indiferente aos olhares de admiração dos três jovens. Depois, puxou uma cadeira, pousou a mochila na mesa e sentou-se, ajeitando as pernas magras em cima da cadeira do lado.

– Uma estrangeira, definitivamente – disse Vincent com tristeza. Porque todos os italianos sabem que sentar-se para tomar café dificulta a digestão e será, portanto, penalizada com uma sobretaxa que triplica o preço do café tomado ao balcão. – Vais ver. Vai pedir um *cappuccino*.

Gennaro, observando atentamente o manómetro da *Gaggia*, resfolegou em sinal de desprezo. Nenhum *barista* que se preze se lembraria de servir *cappuccino* depois das dez da manhã, como um chefe de cozinha não ofereceria cereais ao almoço.

– *Buongiorno* – disse a rapariga através da porta aberta. Tinha uma voz bonita, pensou Tommaso. Lançou-lhe um sorriso encorajador. Ao seu lado, Vincent e Sisto estavam a fazer exactamente o mesmo. Só Gennaro, atrás do balcão de zinco, mantinha uma expressão carregada de desconfiança.

- *giorno* – murmurou sombriamente entre dentes.

- *Latte macchiato, per favore, lungo e ben caldo.*

Fez-se uma pausa enquanto o *barista* considerava o pedido. Embora a jovem tivesse falado em italiano, tinha revelado as suas origens tanto pelo que tinha pedido como pelo sotaque. *Latte macchiato* – leite com um pingo de café, mas servido *lungo* ou numa chávena almoçadeira, e *ben*

caldo, quente, para poder ser tomado vagarosamente em lugar de despejado pela garganta abaixo em dois rápidos tragos como deve ser. Era inquestionavelmente americana. No entanto, nada do que ela tinha pedido ofendia verdadeiramente as regras do decoro – não tinha pedido expresso com natas nem descafeinado nem xarope de avelã nem leite magro – e, assim, ele encolheu os ombros e pegou no porta-filtros duplo da *Gaggia* enquanto os três rapazes tentavam mostrar-se o mais atraentes possível.

A rapariga ignorou-os. Pegou num mapa e comparou-o, com uma expressão um tanto perplexa, com uma página do guia. Um *telefonino* tocou na mochila dela: tirou-o e envolveu-se numa conversa que os do lado de dentro não conseguiam ouvir. Quando Gennaro finalmente considerou que o seu *macchiato* era digno de ser servido, deu-se uma luta para lho levar à mesa, que Tommaso ganhou sem dificuldade. Pegou também num dos pequenos *cornetti* de Gennaro, colocando-o no pires e apresentando-o à rapariga com um sorriso e um «Por conta da casa» murmurado. Mas a rapariga estava absorvida na chamada e esboçou apenas um fugaz sorriso de agradecimento. Porém, ele teve tempo de reparar nos olhos dela – olhos cinzentos, límpidos e imperturbáveis, da cor das escamas de um robalo.

Na verdade, Laura Patterson estava profundamente perturbada, ou tão perturbada quanto é possível uma rapariga americana de vinte e dois anos estar em Roma numa bela manhã primaveril, razão por que ficou satisfeita ao descobrir que era a sua amiga italiana, Carlotta, quem tinha ligado. Carlotta trabalhava numa revista chamada *Stozzi*, em Milão. Era também parte da razão por que Laura tinha vindo para Itália, pois tinham sido grandes amigas na faculdade nos Estados Unidos.

– *Pronto*. – Em Itália, é costume atender o telefone dizendo bruscamente que se está pronto por razões que por agora permanecem obscuras.

– Laura. Sou eu. Que andas a fazer?

– Ah... olá, Carlotta. Bem, por acaso andava à procura de Santa Cecília. Tem uns frescos esplêndidos de Cavallini. Mas como parece que Santa Cecília não quer ser encontrada, estou antes a tomar café.

Carlotta ignorou este contra-senso e foi direita ao motivo da chamada.

– E ontem à noite? Como correu o teu encontro?

– Ah. Enfim, correu bem – disse Laura num tom que tornou claro que não tinha corrido nada bem. Tinha de avançar com cautela porque o encontro em causa tinha sido com um amigo de um amigo do próprio irmão de Carlotta. – O Paolo foi muito simpático e percebia imenso de arquitectura. – Do outro lado da linha, Carlotta emitiu uma fungadela desdenhosa. – Levou-me a um restaurante interessantíssimo próximo da Villa Borghese.

– O que é que levaste vestido?

– Hum... o *top* vermelho e as calças pretas.

– Casaco?

– Não. Está calor aqui.

A reacção do outro lado foi um suspiro audível. Carlotta, como todas as mulheres italianas, achava que as pessoas que cometiam ofensas contra a moda só podiam atirar as culpas a si próprias pelas calamidades que subseqüentemente se abatessem sobre elas.

– Levaste sapatilhas? – perguntou num tom desconfiado.

– Claro que não levei sapatilhas. Carlotta, não estás a perceber. Seja como for, como estava a dizer, a refeição foi boa. Comi massa com lulas e um prato de borrego delicioso.

– E?

– Mais nada. Só café.

– E depois? – perguntou Carlotta, impaciente. – O que aconteceu depois?

– Ah. Depois, fomos dar uma volta pelo *giardino di lago* e foi aí que ele me saltou em cima. Literalmente porque, por azar, havia uma ligeira discrepância nas nossas alturas, o que implicou que ele teve mesmo de se catapul-

tar do chão para enfiar a língua onde queria. Depois disso, claro, tentou levar-me para a cama... bem, para a cama exactamente não, porque ainda vive com os pais e uma cama não fazia parte da proposta, mas tentou, sim, meter-se comigo no meio dos arbustos. E antes que digas alguma coisa, francamente não acho que um casaco tivesse feito grande diferença.

Outro suspiro.

– Vais voltar a encontrar-te com ele?

– Não. Sinceramente, Carlotta, obrigada pela apresentação e tudo o mais, mas acho que não quero mais nada com os homens italianos. São todos uns tarados sexuais e... sei lá, de uma enorme falta de *jeito*. Foi o meu quarto desastre consecutivo. Acho que vou ter de voltar a sair com americanos durante algum tempo.

Carlotta ficou horrorizada.

– *Cara*, vir a Roma e sair com americanos é como ir à Piazza di Spagna comer a um McDonald's.

– Por acaso, ainda outro dia fizemos isso – admitiu Laura. – Até foi giro.

Do outro lado, houve um ruído de exaspero.

– Imagina a perda de tempo que o teu ano em Itália será se os únicos homens com quem saíres forem pessoas que podias ter conhecido em casa.

– Imagina a perda de tempo que será se as únicas pessoas com quem sair forem violadores italianos frustrados que ainda vivem com as mães – retorquiu Laura.

– Tens simplesmente conhecido as pessoas erradas. Olha para o *meu* último namorado. O Filippo era um amante sensacional. Atencioso, inventivo, calmo, apaixonado...

– E neste momento, lembro-me de teres dito, trabalha num restaurante numa estância de esqui cuja localização exacta é uma incógnita.

– Certo, mas foi fantástico enquanto durou. É o que os *chefs* têm de bom. Sabem usar as mãos. É de passar a vida a picar e a cortar. Dá-lhes agilidade manual.

– Hum – disse Laura com uma certa melancolia –, confesso que um homem que tivesse jeito com as mãos seria uma mudança agradável.

– Então, *cara*, tens de te certificar de que eles sabem cozinhar antes de aceites sair com eles – disse resolutamente Carlotta. Baixou a voz. – Vou-te dizer outra coisa a respeito do Filippo. Gostava de provar tudo enquanto cozinhasse, se é que me entendes.

Laura riu. Tinha um riso extraordinariamente obscuro cujo som se propagou para o interior do bar Gennaro's, levando os jovens lá dentro a levantar os olhos dos *cornetti* e a olhar de relance com apreço.

– E, sendo *chef*, suponho que tinha um sentido de oportunidade apurado?

– Precisamente. E nunca se precipitava. Sabes como nós, os Italianos, gostamos de comer... doze pratos pelo menos.

– Mas todos muito pequenos – provocou Laura.

– Sim, mas acredita que, quando chegas ao fim, não consegues comer mais.

Enquanto continuava a gracejar, uma parte de Laura não podia deixar de admitir que a amiga era capaz de ter alguma razão. Alguém criativo, que compreendesse o sabor e a textura, que soubesse combinar ingredientes com a finalidade de proporcionar prazer sensual... se conhecesse alguém assim durante a sua estadia em Itália.

– Bem, já sabes – estava Carlotta a dizer. – Não deve ser difícil. Roma abunda em restaurantes. É lógico que também esteja cheia de *chefs*.

– Talvez – respondeu Laura.

– Ouve, vou-te contar outra coisa que o Filippo fazia...

Quando Laura desligou, já tinha, meio a sério, meio a brincar, prometido à amiga que definitivamente, a partir de agora, só sairia com homens que soubessem distinguir o molho *béarnaise* do *béchamel*.

Tommaso tinha tomado a decisão de que ia meter conversa com a rapariga americana. Quem podia resistir a um riso daqueles? Como Vincent tinha dito, ele tinha uma excelente folha de serviço com as turistas que pareciam derreter-se todas quando viam as suas feições largas e atraentes coroadas por uma cabeleira de fartos caracóis. Não é que as raparigas romanas também não se derretessem, mas as raparigas romanas tinham a tendência para querer apresentá-lo aos pais a seguir. As estrangeiras eram muito menos complicadas.

Esperou pelo momento indicado. A rapariga americana continuou ao telefone, bebericando de vez em quando e lentamente o *macchiato* – não admira que o tivesse querido quente – até que Tommaso se apercebeu, com um suspiro, de que tinha de se ir embora. Já ia chegar atrasado ao restaurante. Deixou algumas moedas no balcão e despediu-se com um aceno de Gennaro. Tinha o *motorino* estacionado à porta, junto da mesa da rapariga, e demorou-se um último momento enquanto se acocorava para o desprender, saboreando mais um relance para as esbeltas barrigas da perna cor de mel estendidas em cima da cadeira em frente.

– Então, acabaram-se os italianos. A não ser que saibam cozinhar – estava ela a dizer. – A partir de agora, só saio com o *Guia da Boa Cozinha*.

Tommaso arrebitou as orelhas.

Ela enfiou o dedo na chávena para recolher a espuma residual de *latte* e lambê-la.

– Caramba, este café é fantástico. Espera aí. Sim?

Incapaz de se conter, Tommaso tinha-lhe dado uma pancadinha no ombro.

– Desculpe interromper a sua chamada – começou ele no seu melhor inglês. – Só queria dizer-lhe que a sua beleza me despedaçou o coração.

Ela sorriu em sinal de apreço, ainda que um pouco desconfiada. No entanto, tentou responder com delicadeza, usando as palavras que o seu primeiro namorado italiano

lhe tinha aconselhado a utilizar sempre que lhe dirigissem um piropo:

– *Vatte a fa' un giro, a fessa 'e mammeta.*

Tommaso ficou com uma cabeça de todo o tamanho.

– Está bem, está bem – disse ele, recuando e passando a perna por cima da lambreta.

Laura observou-o a afastar-se e depois voltou de novo a atenção para Carlotta.

– Quem era? – quis a amiga saber.

– Um tipo qualquer.

– Laura – disse a amiga com cautela –, que é que achas que lhe disseste?

E foi assim que Laura descobriu que tinha efectivamente andado a dizer aos jovens de Roma, num perfeito italiano idiomático, que fossem dar uma volta até aos orifícios das mães pelos quais tinham vindo ao mundo.

– Oh, caramba! – disse Laura. – É pena. Ele até era giro. Mas não faz mal, pois não? Porque a partir de agora a minha aposta é em alguém que saiba cozinhar.